

A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, O KINESIOLOGOS E “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”

Edison de Jesus Manoel

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo

Trata o presente ensaio da formação em Educação Física a partir da análise do conto “O homem que sabia javanês” de Lima Barreto. A tese é a de que a fragmentação na produção do conhecimento descrita pelo mito do Kinesiologos se manifesta na formação profissional e acadêmica da área pela banalização do que é conhecer orientada para uma pretensa formação eclética e assim pseudo-erudita, motivo pelo qual o conto de Barreto nos serve de inspiração e reflexão.

Palavras-chave: Educação Física. Formação. Cinesiologia. Universidade.

Introdução

Vamos mal numa ciência quando em seu seio não se discute “o que se sabe”, “o como se sabe que se sabe”, e “o que não se sabe”. O sintoma de desconforto aumenta quando na discussão só há espaço para o discurso do quanto se produz em termos de índices bibliométricos (fatores de impacto, números de citação, índice *h*, etc.). Assim é fácil entrar num jogo de aparências. Perde-se o que é central à ciência e a todas às ciências: o “problema do conhecimento” (HESSEN, 1970). Essa discussão não “tem tempo” na ciência sendo válida hoje como o era há 200 anos. Nas ciências “mais jovens”, essa discussão é premente e necessária. É o caso das Ciências da Saúde, a Educação Física entre elas.

O sintoma a que me refiro se instala onde o produtivismo científico impera. Rego (2014, p. 328) o define como “obrigação de publicar em periódicos como indicador praticamente exclusivo para avaliação da produção científica e da qualidade do pesquisador”. Como efeito colateral dessa “obrigação”, Rego lista vários desdobramentos como rivalidades e disputas entre colegas e más condutas em pesquisa, dentre outros. Talvez o problema mais nefasto do produtivismo científico se manifeste não na contabilidade do conhecimento científico, mas na formação de pessoas dentro de sua lógica (KUNZ, 2012). O presente ensaio tem como propósito argumentar que a fragmentação na produção do conhecimento descrita pelo mito do Kinesiologos se manifesta na formação profissional e acadêmica da área pela banalização do que é conhecer orientada para uma pretensa formação eclética e assim pseudo-erudita. A tese é a de que o Deus Kinesiologos¹, criador e criatura do produtivismo científico, mestre da fragmentação do conhecimento, agiu e age com os mesmos artifícios na preparação profissional e acadêmica em Educação Física, tornando-a fragmentada e superficial. Busco ilustrar esse processo a partir de uma breve análise do conto “O homem que sabia Javanês” de Lima Barreto (1881-1922). Esse escritor, aliás, Afonso Henrique de Lima Barreto, foi filho de pai tipógrafo e mãe professora. Escreveu romances, contos e crônicas, além de ser jornalista. Barreto

¹ O Kinesiologos foi apresentado num ensaio anterior como uma figura mítica que teria o poder de comandar os estudos sobre o movimento humano reunindo, sob seu comando, vários “deuses” identificados com as subáreas da Educação Física/Ciências do Esporte/Ciências do Exercício.

flertou com o socialismo e o anarquismo, foi um crítico contumaz e sarcástico dos modos de vida da elite brasileira no Rio de Janeiro na passagem do Século XIX para o Século XX denunciando as desigualdades sociais, a hipocrisia e a falsidade dessa fatia da sociedade. O conto “O homem que sabia javanês” foi publicado no diário “Gazeta da Tarde” em 1911² e criticava a sociedade brasileira por seu “fascínio pela erudição postiça”(MASSI; MORAIS, 2003), o que nos faz argumentar a sua pertinência para falar da atual “academização” da formação em Educação Física.

Vale destacar que a partir da segunda metade do Século XIX havia em curso um projeto de “modernização” do Brasil conduzido pelo Império tendo a ciência como um motor. Machado de Assis, por exemplo, em seu conto “O Alienista” (ASSIS, 1882/1999), fez uma crítica mordaz desse projeto a partir do conceito científico de normalidade nele implícito (TEIXEIRA, 2010). Lima Barreto segue na esteira de Machado de Assis ao criticar o modo como os saberes científicos eram valorizados cegamente na sociedade brasileira de então, mesmo quando tais saberes fossem inacessíveis e sua validade ou veracidade não fossem avaliadas. Se és científico tudo lhe é concedido. O conto de Lima Barreto é uma peça literária oportuna, senão imprescindível, e temerariamente atual, para refletirmos sobre os rumos tomados pela formação em Educação Física à luz, ou seria melhor dizer à sombra do Kinesiologos.

Contando um pouco do conto³

O cenário: uma confeitaria do Rio, início do Século XX. Nela dois amigos, Castelo e Castro conversam animadamente, com Castelo contando suas peripécias pregando peças Brasil afora, um “Brasil imbecil e burocrático”. É nessa toada que Castelo conta ao amigo que já tinha sido até *professor de javanês* que surpreso pergunta: “Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?” (p.3). Ao que Castelo de pronto responde: “Não; antes. E, por sinal fui nomeado cônsul por isso.” (p.3). Esse é o mote para que Castelo detalhe sua trajetória, da chegada ao Rio, sujeito sem fundos à nomeação como Cônsul do Brasil, sujeito sem escrúpulos.

A oportunidade do magistério do idioma javanês: Castelo recém chegado ao Rio, sem um tostão, fugindo de pensão em pensão na falta de recursos para honrar suas diárias, viu no Jornal do Comércio o anúncio: “Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.” (p.4). Castelo raciocinou que tal colocação teria poucos concorrentes, seria improvável haver no Rio alguém com fluência e conhecimento da língua. Não importava que ele não tivesse a mínima idéia do idioma, “se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me” (p.5), pensou ele. Ao perambular pelas ruas e sonhando com o dinheiro que poderia advir dessa honrosa ocupação, Castelo chegou até a Biblioteca Nacional.

Como “dominar” o javanês: Castelo, sem horizonte, pediu e consultou a *Grande Encyclopédie*, letra J a fim de localizar Java e língua javanesa. Daí em diante foi seguir a guia dada pela obra que o levou até o alfabeto javanês que ele copiou incluindo a pronúncia figurada. Fez notas sobre o que leu. As cópias das letras tornaram-se o foco de seu pensamento. Ele as repetiu durante o que restou do dia e toda noite: “... a engolir o meu a-b-c malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.” (p.6). Castelo retornou à bi-

² Utilizaremos como fonte de referência a edição especial do conto feita pela Editora Cosac Naif na Coleção Dedinho de Prosa organizada por Augusto Massi e Odilon Moraes (2003) com ilustrações do segundo.

³ Não se pretende que esse resumo seja suficiente para a apreciação do conto, trata-se de apresentar o eixo principal da estória para que a ironia e o sarcasmo de Lima Barreto possam dar realce aos problemas que enfrentamos na educação física que se posta como acadêmica. O caro leitor é recomendado ao texto na íntegra com todo o verbo de Lima Barreto, disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16828>.

biblioteca sem fazer tantos progressos como no dia anterior, e, talvez por isso, se dedicou à bibliografia e história literária do idioma javanês. Nos dois dias seguintes decorou o nome de alguns autores malaios e aprendeu frases prontas em diálogos do cotidiano do tipo: “como está o senhor?” e com isso mais “duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.” (p.8).

Como mostrar que domina o javanês: Castelo recebeu carta solicitando sua presença perante o Doutor Manoel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, para entrevista, resultado de sua manifesta disposição em assumir o cargo. No sítio do Barão, Castelo nota um senhor de idade avançada cujo desejo é ler um livro em javanês que lhe foi passado por seu pai, e antes a seu pai pelo seu avô que o recebera em Londres de um sujeito “hindu ou siamês” com a recomendação de que sua leitura traria felicidade e sabedoria ao quem o possuir. Ler o livro era uma promessa feita pelo Barão ao pai em seu leito de morte. Castelo manuseia o tal livro e sob os olhos atentos do Barão. É um grande calhamaço, encadernado em couro e páginas amareladas das quais falta a de rosto. Castelo percebe um prefácio em inglês, idioma que conhecia e nele descobre que o tal livro trata “das histórias de um príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito” (p.17). Sem pestanejar ele anuncia ao velho do que trata o livro, que impressionado com o conhecimento de javanês (o Barão não se deu conta que Castelo aprendera apenas o que estava em inglês) demonstrado pelo candidato, contrata-o por um ano. Seguiram-se tentativas frustradas de Castelo em fazer o Barão aprender primeiro as letras do alfabeto. O velho, impaciente com as tarefas, passou a pedir que Castelo apenas lê-se trechos do livro, ao que Castelo atendeu fabricando estórias e mais estórias. Ele conta essa façanha para o Castro assim: “Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...” (p.19).

As consequências de “saber” javanês: O Barão de Jacuecanga, feliz com seu professor de javanês, começou a alardear a sua erudição. Primeiro, sua filha e genro, esse por sinal um desembargador e bem relacionado nos círculos do poder ficou impressionado e sempre repetia: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!” (p.18). Segundo, pelas mãos do próprio Barão, Castelo foi encaminhado ao Visconde de Caruru para que entrasse na diplomacia. Logo, Castelo fazia sucesso na Secretaria dos Estrangeiros, afinal ninguém ali sabia javanês. “Vejam só, um que sabe javanês – que portento!” (p.22), diz o diretor da seção. Não demora para que Castelo torne-se adido do próprio ministro.

As peripécias de Castelo continuaram. Ele foi enviado a Bali para representar o Brasil no Congresso Internacional de Linguística. “Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.” (p.24), diz ele ao Castro. Vale dizer que por um equívoco de comunicação com o presidente do conclave mencionado, Castelo é indicado para capitanear a seção tupi-guarani. Ao final do evento e desfeito o equívoco, o presidente pede desculpas a Castelo e lhe acena com a possibilidade de publicar seus trabalhos sobre javanês. Castelo aceita polidamente as desculpas e fica feliz em poder lhe enviar para publicação seus manuscritos sobre o idioma, o que efetivamente nunca fez. Castelo ainda viajou pela Europa na onda de sua fama como brasileiro que sabia javanês. Ao retornar ao Brasil, tornou-se “glória nacional” com direito a almoço com o próprio Presidente da República. Depois disso, foi despachado para Havana como cônsul por um período de seis anos. Naquela altura, quando relatava suas aventuras para Castro, Castelo se arranjava para retornar a Havana onde passaria mais um tempo com o propósito de avançar os seus estudos das línguas dos povos do Pacífico, obviamente sob os auspícios do Estado Brasileiro.

Dialogando com Lima Barreto e as implicações para Educação Física

Numa primeira leitura o conto de Lima Barreto pode chamar atenção para o comportamento imoral do Sr. Castelo, personificar um professor, que não era, sobre um tema que não conhecia. Seu comportamento é abominável por enganar um ancião, o Barão no final da vida tentando cumprir uma promessa feita a seu pai. O ato de vigarice repercute para muito além do que imaginava e o “Dr. Castelo” passou a ludibriar não só o Barão e seus familiares, mas as instituições do governo brasileiro, o Presidente da República, a comunidade acadêmica e o povo em geral.

Lima Barreto mostra em seu texto algo ainda mais interessante do ponto de vista epistemológico. A estratégia de Castelo para parecer que sabe javanês é muito instrutiva: 1º. Ele vai à Biblioteca Nacional⁴ e nela, vai logo na *Grande Encyclopédia*, conhecido compêndio francês nascido na esteira do Iluminismo com o propósito de sistematizar todo conhecimento da humanidade. Assim, ele rapidamente obtém informações sobre Java, o idioma e sua história; 2º. A partir da consulta à *Grande Encyclopédia*, Castelo obtém orientações sobre livros acerca da língua javanesa, identifica, copia e assimila o alfabeto com sua pronúncia figurada e, com isso em mãos, andou “pelas ruas, perambulando e mastigando as letras.” (p.5); 3º. De forma repetitiva ele pôs-se a gravar o alfabeto lendo mais sobre o idioma, sua história literária conseguindo identificar, inclusive, alguns autores de relevância nesse idioma. 5º. Chegou aos rudimentos de algumas frases usadas em conversações mais elementares, por exemplo, “Como está o senhor?” (p.8). Somou-se a tudo isso a grande perspicácia do Castelo para lidar com situações que poderiam revelar sua inépcia linguística.

Lima Barreto tem o cuidado de mostrar como Castelo consegue dissimular sua falta de conhecimento de javanês com várias estratégias ardilosas: (a) evitando contato com pessoas que sabem javanês como no caso do marinheiro preso que depois se descobre ser de Java; (b) a recusa em assumir “uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês” (p. 25); ou ainda (c) a habilidade com que compilava informações e as articulava em textos denotando o seu “saber” sobre o idioma malaio como nas notas biográficas e bibliográficas que publica no periódico *Mensagem de Bali* cujos extratos ele fez questão de publicar em outros periódicos da Europa em função de sua presença em congresso de sábios de línguas no Velho Continente. O personagem Castelo busca se aproximar de algo que lhe é muito distante consumindo livros e assinando periódicos acadêmicos “*Revue Anthropologique et Linguistique, Proceedings of the English-Oceanic Association, Archivo Glottologico Italiano...*” (p.25), mas qual ele conta ao Castro que lhe faltava o empenho “para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas.” (p.25). É nessa estratégia que Lima Barreto nos brinda com uma passagem temerariamente comum no mundo acadêmico de hoje. Ela expõe como alguém pode, com um pouco de competência, transmitir a sensação de domínio sobre algo que no fundo nada sabe. Nessa passagem, Castelo conta a Castro que no auge de sua fama como erudito em javanês na sociedade carioca, ele escreveu, a convite da redação do *Jornal do Comércio*, um artigo sobre a literatura javanesa antiga e moderna. Castro surpreso questiona Castelo (p. 25, grifo nosso):

Como se tu nadas sabias? ao que Castelo responde:

Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas geografias, e depois citei a mais não poder.

No detalhamento da “educação” de Castelo sobre o javanês, e de suas estratégias de dissimulação, Lima Barreto nos oferta um material rico para pensarmos a formação acadêmi-

⁴ Castelo não foi a qualquer biblioteca, ele foi à Biblioteca Nacional que abarcava em suas estantes o melhor do conhecimento acumulado ao longo de séculos, biblioteca veio ao Brasil junto com D. João VI e sua comitiva em fuga da Europa no início do Século XIX.

ca nos dias de hoje. Com implicações preocupantes para o que ocorre na Educação Física. É lugar comum dizer que a Ciência passou por um processo de larga especialização nos últimos 150 anos. Cada vez se sabe mais e mais sobre porções reduzidas da realidade. Ao mesmo tempo, nunca se publicou tanto sobre essas pequenas porções tornando dantesca a tarefa de quem pretende estar atualizado sobre cada grão de areia do conhecimento. E, num (curto) circuito de retroalimentação positiva, exige-se uma produtividade maníaca dos docentes, pesquisadores, estudantes de pós-graduação. Tudo isso conspira para que mesmo sem intenção nos tornemos um “pouco professores de javanês”. Tenho como ilustração desse processo dois exemplos, um da graduação e outro da pós-graduação.

Na graduação em Educação Física vemos currículos que sistematizam fragmentos do conhecimento sobre a natureza e a cultura, sobre o homem e a sociedade. O estudante de graduação em Educação Física tem contato com conhecimentos nas dimensões biológicas, psicológicas, sociais, culturais e filosóficas. Em muitos casos, o eixo que sincroniza essas dimensões é a ideia do Ser Humano em Movimento, criação máxima do Kinesiologia. Por um lado, essa diversidade é um aspecto positivo dos currículos de Educação Física. Afinal, quantos cursos de graduação proporcionam ao estudante acesso a conhecimentos das ciências naturais e das ciências sociais e humanas? De outro lado, o conhecimento que é passado ao estudante sob a égide da Cinesiologia e seus afins (Ciências da Atividade Física/do Exercício/do Esporte) advém de porções tão particulares e, assim, tão fragmentadas que o estudante não tem como apreender o contexto da produção desses conhecimentos. Por contexto, me reporto aos paradigmas que orientaram a produção desses conhecimentos, o acesso aos clássicos das áreas de onde esses particulares se originaram. Muitas das disciplinas relativas a essas áreas e dimensões (por exemplo, Fisiologia do Exercício, Psicologia do Exercício/Esporte, Antropologia do Esporte, Filosofia do Esporte) têm a duração de um semestre letivo. Com essas condições não se pode fazer muito mais do que fez o Sr. Castelo para se apresentar como professor de javanês.

Com relação à pós-graduação, vivenciei uma transição preocupante. Nos processos de seleção de candidatos é comum se perguntar ao postulante seu entendimento sobre as principais questões teóricas e metodológicas que permeiam seu projeto de estudo. Há 15 anos, a resposta seria sobre os temas e preocupações da área de estudo relativa ao seu projeto. Atualmente, as respostas à mesma pergunta revolverá, com raras exceções, sobre o que é investigado pelo grupo de pesquisa ou laboratório a que o candidato pertence. Se insistirmos com o candidato questionando-o sobre como ele situa essas investigações na área de estudo, frente aos interesses da comunidade acadêmica mais ampla, seremos brindados com um olhar estranho, misto de inquisição e surpresa, como se o candidato nos dissesse: do que você está falando? O Sr. Castelo pelo menos tinha consciência de sua ignorância quanto ao tema pelo qual tinha fama. Muitos candidatos à pós-graduação acham que “sabem javanês”.

O risco da formação de “professores de javanês” aumenta nas ciências mais jovens e naquelas que não são ciências no sentido estrito, mas campos profissionais que se orientam academicamente. A Educação Física corre esse risco porque nem sempre a sua comunidade demonstra uma compreensão ampliada dos requisitos para “ser científica” em consonância com critérios epistemológicos (ALMEIDA et al., 2012), além de ter em seu bojo um lastro de conhecimentos⁵. Em relação ao lastro estamos próximos do “Dr. Castelo”, quando ele sintetiza o seu conhecimento de javanês:

⁵ Um indicador desse lastro é a publicação regular de Tratados que denota o acúmulo, a sistematização e a síntese de conhecimento científico-tecnológico de um campo. A Educação Física carece desse tipo de publicação (CARVALHO; MANOEL, 2007).

[...] além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntas e respostas – como está o senhor? – e duas ou três regras de gramática, **lastrado** () todos esse saber (sic) com vinte palavras do léxico. (p.8, grifo nosso).

A Educação Física ou suas denominações “científicas” (como a Cinesiologia) é considerada, às vezes, como um campo multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Qualquer que seja é preciso apreender o que é disciplinar em primeira instância. Isso implica em pensar no objeto de estudo, no paradigma ou paradigmas que fornecem o arcabouço teórico-conceitual que faz o recorte do objeto e finalmente o conjunto de métodos apropriados para o estudo do objeto construído. A organização do campo em multi-, inter- ou transdisciplinar, demanda a necessidade de construção de um arcabouço teórico dos arcabouços teóricos das disciplinas afins a ele. Essa meta-teoria é fundamental para alinhar as diferentes estruturas teórico-metodológicas que implicará num novo recorte de objeto. Esse é o ponto que nos fez citar com ironia a figura do Kinesiologos como a entidade que “uniria” o campo em torno de seu objeto: o movimento humano. O empreendimento científico que se pauta por uma matriz epistemológica orientada por disciplinas acadêmicas (como a do Kinesiologos) é desafiado atualmente pela necessidade de arcabouços teóricos mais integrativos, em rede, para fazer frente a objetos que são mais válidos para investigação científica na medida em que mimetizam a complexidade inerente à natureza e à cultura. Se já não bastassem todos os riscos que essa matriz disciplinar incorre enquanto estratégia investigativa, os riscos são maiores quando ela é travestida em matriz para a formação acadêmica e profissional. Se a adoção dessa matriz descaracteriza a Educação Física enquanto ao que caberia a ela investigar (BETTI, 1996), ela também fragiliza a formação de futuros profissionais e pesquisadores desse campo. Aumentam os riscos de formarmos “professores de javanês”. Cerca de dez anos atrás trabalhando na comissão de avaliação da Área 21⁶ da CAPES, pude presenciar, numa conversa informal, o seguinte questionamento do Diretor de Avaliação da CAPES para o nosso representante na ocasião: “Por favor, me explique: o que é um doutor em Biodinâmica do Movimento Humano? Veja, eu tenho uma ideia do que é um doutor em Biologia, em Psicologia ou Sociologia, mas em Biodinâmica, eu não sei bem do que se trata?!”. A pergunta nada tinha de ironia do Diretor, tratava-se de uma dúvida legítima de alguém que com o sentido de fazer uma política científica inclusiva se sentia perdido diante das inúmeras denominações acadêmicas que criamos para o nosso campo, para as suas subáreas, sem uma aparente consistência lógica e epistemológica. Esse problema está relacionado a outro comum a áreas afins. O neurologista britânico Oliver Sacks (2015, p.41) nos fala da incongruência entre a sua formação básica e a medicina quando estudou em Oxford:

Meus estudos preparatórios de anatomia e fisiologia em Oxford não me haviam preparado minimamente para a medicina de verdade. Examinar os pacientes, ouvi-los, tentar entender (ou pelo menos imaginar) suas experiências e dificuldades, sentir preocupação e assumir responsabilidade por eles eram coisas totalmente inéditas para mim. Os pacientes eram de carne e osso.

Essa dificuldade remete a uma questão relativa à racionalidade científica, um dos archotes do Iluminismo. O paradigma da modernidade que ela anuncia foi a base para o modelo alemão de universidade de pesquisa instalado no final do Século XIX e que se proliferou pelo mundo no Século XX, inclusive no Brasil (DURHAM, 2006). Se uma parcela de avanços no bem-estar das pessoas hoje (inclusive o aumento da expectativa de vida das pessoas) se deve a esse paradigma, há uma parcela considerável de problemas (naturais e sociais) que a humanidade enfrenta hoje advindos da racionalidade científica que ele encerra.

⁶ A Área 21 compreende as áreas de Educação Física, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Muito se fala em aperfeiçoar o ensino universitário e assim melhorar a formação dos estudantes dentro desse paradigma. Ribeiro (2003), por exemplo, apresenta quatro teses para uma “nova” universidade, das quais comentaremos as duas primeiras pela sua pertinência a presente discussão. A primeira seria aquela em que a universidade se torna o sítio para que o estudante tenha uma experiência de “primeira mão”⁷ sobre o conhecer. Ribeiro fala em experiência no sentido fenomenológico, uma experiência de conhecer o conhecer num “caldo cultura para, justamente a cultura” (p.112, RIBEIRO, 2003).

A segunda tese de Ribeiro diz respeito à universidade fazer aquilo que sabe fazer melhor: fornecer uma base sólida de conhecimentos das ciências naturais e humanidades, “[...] sólida o bastante para que, em meio às mudanças, o aluno saiba navegar.” (RIBEIRO, 2003, p. 114). A universidade não pode emular o mercado ou os espaços de ação social por onde transitará o egresso da universidade. A universidade proporcionaria a formação para que o estudante, futuro profissional, possa ter as ferramentas simbólicas para entender e transformar esse espaço. Ainda que se possa questionar as propostas de Ribeiro, pensemos como hoje se pode proporcionar essa “experiência de conhecer” nos cursos de Educação Física e proporcionar a base sólida para navegar em mares revoltos. A “experiência de conhecer” é equacionada por muitos como Iniciação Científica (IC), ainda mais nesses mares de produtivismo científico em que navegam as universidades.

O estudante de IC recebe um projeto praticamente pronto para desenvolver, e desenvolver aqui significa dominar a mecânica de coleta de dados. Ele experimenta muito pouco do processo da pesquisa compreendido pelas questões: O que estudar? Por que estudar? Como estudar?; Para que (e quem) estudar? O estudante conclui seu período de IC falando de objetos e conceitos dos quais ele não conhece a origem e o sentido, tornando-se um forte candidato a “pesquisador de javanês”. Na tese da base sólida temos o currículo que é muito variável no escopo de conhecimentos sistematizados em disciplinas. As chamadas biológicas tem vantagens em relação às de ciências sociais e humanas. Hoje é comum o estudante ir até um instituto de ciências biológicas ou biomédicas para ter aulas em disciplinas como Anatomia, Histologia, Bioquímica e Fisiologia. Todavia, quantos têm a chance de ir a um instituto ou faculdade de ciências humanas e ter contato direto com disciplinas básicas da Filosofia ou Antropologia, da Psicologia ou Sociologia?

Um dos grandes desafios para universidade atual e, em particular, para os cursos de Educação Física é tratar docentes, estudantes e conhecimentos como um sistema dinâmico, ou como propõe Chauí (2000, p. 171)

(é preciso) tomar a questão do ensino não como técnica de transmissão de conhecimento e de consumo passivo dos saberes, mas como parte constitutiva da aparição de sujeitos do conhecimento, de tal modo que o ensino e a instituição universitários sejam simultaneamente agentes e produtos da ação de conhecimento que engendra esse sujeito.

Como nos mostra Fensterseifer (2001), a Educação Física lançou-se quase por inteiro ao paradigma da modernidade quando a sua coerência externa já estava em questão, quando sua validade foi posta em dúvida como modelo para o estudo de sistemas complexos que fabricam realidades por meio de significados. Abraçar tal paradigma sem a devida apreciação do que é “conhecer e fazer” no âmbito do que chamamos Educação Física é por si só mais uma ilustração de nossa ação como “professores de javanês”. Fensterseifer (2001, p. 225), ao discorrer sobre a crise instalada na ciência moderna, destaca a sua repercussão na educação em que a formação se confunde com informação,

⁷ Discutimos esse sentido de experiência para a preparação profissional em Educação Física em outro texto (MANOEL, 2011).

[...] daí a sobrevalorização dos “bancos de dados” e seus canais de acesso (internet), gerando um novo problema: como livrar-se da informação inútil?...O diferencial parece residir na capacidade de transformar informação em conhecimento, para o que se necessita cada vez mais da criatividade inerente ao fazer artístico e à reflexividade filosófica e cada vez menos dos processos burocráticos regidos por uma previsibilidade mecânica. Conclusão que repõe o problema da formação.

O Kinesiologia é um efeito (colateral) desse paradigma da modernidade. Tornou a Educação Física num longo e fastidioso discurso sobre o movimento. E com ele, buscou se apropriar do discurso das ciências sem a devida apreensão de sua semântica e gramática. Logo, corre o risco de ser um discurso vazio, confunde formação com informação, mira a transmissão de informações fragmentadas num manto pseudocientífico. Ingredientes contumazes para formarmos “professores de javanês”.

Considerações finais

Antonio Candido, no seu clássico “Literatura e Sociedade” (CANDIDO, 2000), examina a literatura a partir de um mosaico que perpassa a sociologia, a psicologia, a história e a antropologia. Uma de suas preocupações é entender “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? [...] (que) deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (p.18). Ele então explora as dinâmicas que se estabelecem entre o escritor, a sua obra e os leitores, afirmando que a literatura

[...] é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. (p. 68)

O conto de Lima Barreto com mais de cem anos de idade continua dialogando com seus leitores do Século XXI para quem sabe fazê-los refletir sobre o que é ser professor, o que é ser intelectual, sobre a hipocrisia implícita em julgamentos de meritocracia. Candido (2000) ainda destaca que Lima Barreto fez parte de um grupo de escritores que entre o final do Século XIX e início do Século XX conseguiu, por meio de seus romances, contos e ensaios, expressar melhor o que era o Brasil numa perspectiva sociológica ou psicológica, posto que as ciências humanas da época eram incipientes no Brasil. Não há como não pensar que tais obras continuam nos falando de nós mesmos na Educação Física ainda hoje, senão vejamos o diálogo final entre Castelo e Castro, este se mostrando fascinado com o que seu amigo conseguira a partir de sua pseudo-erudição:

- É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.
- Olha: se não fosse estar contente, sabes o que ia ser?
- Quê?
- Bacteriologista eminente. Vamos?
- Vamos.

(p.28)

Ser um “bacteriologista eminente” nada mais emblemático para a Educação Física dos nossos tempos.

Agradecimentos. Valter Bracht e Eduardo Kokubun pelas discussões sobre formação acadêmica nos intervalos de nossas reuniões na CAPES no período de 2002 a 2007, aos estudantes da disciplina “Docência no Ensino Superior em Educação Física e Esporte”, por me mostrarem que eu também era professor de javanês. No mais, todos os equívocos existentes no texto são de minha inteira responsabilidade.

FORMATIVE PREPARATION IN PHYSICAL EDUCATION, THE *KINESIOLOGOS* AND "THE MAN WHO KNEW JAVANESE"

Abstract

The present essay refers to the formative preparation in Physical Education from the analysis of the short tale "The man who knew javanese" by Lima Barreto. The thesis is that the fragmentation in knowledge production described by the myth of *Kinesiologos* is manifested also in the professional and academic formative preparation by the trivialization of what is "to know" oriented for an alleged eclectic formative preparation and so pseudo-erudite, the reason why Barreto's short tale is a source of inspiration and reflective thinking.

Keywords: Physical Education. Formative Preparation. Kinesiology. University.

LA FORMACIÓN EN EDUCACIÓN FÍSICA, EL *KINESIÓLOGOS* Y "EL HOMBRE QUE SABÍA DE JAVANÉS"

Resumen

Este ensayo se ocupa de la formación en educación física a partir del análisis del cuento "El hombre que sabía javanés" de Lima Barreto. La tesis es que la fragmentación de la producción del conocimiento descrito por el mito del *Kinesiólogos* se manifiesta en la formación profesional y académica del área por la banalización de lo que es conocer, orientada a una supuesta formación ecléctica y, de esa forma, pseudo-científica. Por ese motivo, el cuento de Barreto es nuestra fuente de inspiración y reflexión.

Palabras-claves: educación física. Formación. kinesiología. Universidad.

Referências

ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V.;VAZ, A. Classificações epistemológicas na educação física: redescrições... **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n.4, p.241-263, 2012.

ASSIS, M. **Papéis avulsos**. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1999 (original de 1882).

BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.3, p.73-127, 1996.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.

CARVALHO, Y. M.; MANOEL, E. de J. O livro como indicador de produção intelectual na Grande Área da Saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.29, n.1, p.61-73, 2007.

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DURHAM, E. R. A autonomia universitária – extensão e limites. In: STEINER, J. E. & MALNIC, G. (Org.). **Ensino superior: conceito e dinâmica**. São Paulo: EDUSP, 2006.

FENSTERSEIFER, P. E. **A Educação Física na crise da modernidade**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

HESSSEN, J. **Teoria do conhecimento**. Lisboa: Amandio Editor, 1970.

KUNZ, E. Pós-Graduação em Educação Física no Brasil: O fenômeno da hiperprodutividade e formação cultural. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 30, n.1, p.1-13, 2012.

MANOEL, E. de J. Formação de professores: a necessidade da experiência, a experiência da complementaridade. In: R. Gimenez; M. Teodoro de Souza (Org.), **Ensaio sobre contextos da formação profissional em educação física**. Várzea Paulista, Editora Fontoura, 2011.

MASSI, A.; MORAES, O. (Org.). **O homem que sabia javanês: Lima Barreto**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

REGO, T. C. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: Entre o veneno e o remédio. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n.2, p.325-346, 2014.

RIBEIRO, R. J. **A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SACKS, O. **Sempre em movimento: uma vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TEIXEIRA, I. **O altar e o trono: a dinâmica do poder em O Alienista**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

.....
Recebido em: 26/01/2016
Revisado em: 05/04/2016
Aprovado em: 05/04/2016

Endereço para correspondência:

ejmanoel@usp.br

Edison de Jesus Manoel

Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte da USP, Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano.

Av. Prof. Mello Moraes, 65

Butantã

05508-900 - Sao Paulo, SP - Brasil